

Os Reinos Ibéricos na Idade Média

Livro de Homenagem ao Professor Doutor
Humberto Carlos Baquero Moreno

Coordenação de

Luís Adão da Fonseca
Luís Carlos Amaral
Maria Fernanda Ferreira Santos

Vol. III



FICHA TÉCNICA

Obra publicada ao abrigo do Protocolo de Colaboração entre a Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Livraria Civilização

Copyright © 2003 Livraria Civilização Editora

Todos os direitos reservados
1.ª edição / Setembro 2003

Fotocomposição e paginação electrónica,
impressão e acabamentos efectuados na
Companhia Editora do Minho, S. A. – Barcelos,
para Livraria Civilização Editora no mês de Maio de 2003

Depósito Legal n.º 196233/03

ISBN da colecção: 972-26-2060-6
ISBN do Vol. III: 972-26-2136-X

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO EDITORA
R. Alberto Aires de Gouveia, 27
4050-023 Porto



Ilustração da Capa: conjunto de escudos de armas do Livro do Armeiro-Mor
(séc. XVI), IAN/TT, Lisboa

Tendo em conta a grande diversidade de normas de citação bibliográfica utilizadas pelos autores nacionais e estrangeiros, e apesar dos esforços do grupo de coordenação no sentido de promover a uniformização das mesmas, foi decidido respeitar-se integralmente as opções tomadas pelos autores.
Os coordenadores aproveitam, também, para agradecer toda a generosa colaboração dada pelas Dras. Maria Idalina Azeredo Rodrigues e Maria Ondina do Carmo, funcionárias do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na preparação do presente Livro de Homenagem.

A Pintura Mural no Tema da "Anunciação"

Maria Teresa Cabrita *

Introdução

No panorama artístico - narrativo, a pintura mural foi das técnicas decorativas que melhor se ajustou ao significado religioso e didáctico nos espaços eclesiásticos durante toda a Idade Média, fazendo plena simbiose de entendimento com a Arquitectura.

Em largas representações figurativas ou em pequenas áreas de construções simples, a pintura "humaniza" a pedra da sua nativa dureza. Assim, através da mão do artista descreveu histórias, representou situações, transmitiu e sensibilizou populações no cumprimento do tema sagrado, estimulando a cultura de fé.

Nos inícios do século XX, historiadores como José de Figueiredo¹ e Vergílio Correia procediam em aprofundadas pesquisas sobre alguns exemplos de frescos e pintores, recolhendo referências ou divulgando pistas contidas nas visitas².

Outros importantes contributos foram os trabalhos publicados, pela Direcção Geral dos Monumentos Nacionais com os Boletins sobre «Frescos»³.

A pintura mural teve vida atribulada pelos seus fortes condicionalismos de vivência com a arquitectura - reparações de paredes, cobertura de cal, colocação de altares; foram movimentos com muita acção em Portugal, quer por razões eclesiásticas, oscilação de gosto ou até soluções estéticas. Provas evidentes são as normas para a realização de pinturas e rectificações descritas nas constituições "Synodales"⁴.

Muitas pinturas foram afectadas e outras desapareceram pela necessidade de alterações arquitectónicas ou modernização de espaços.

A passagem do tempo e as diferentes condições a que estiveram submetidas, causaram desgaste e afectaram a sua estrutura como aos pigmentos nela aplicados.

Nas duas últimas décadas, várias pinturas murais foram reveladas⁵, umas tapadas por cal, outras escondidas por altares barrocos ou tapadas por retábulos.

Há que referir, no entanto, que os recentes achados foram possíveis pelo relevo e sensibilização atribuído a este tipo de arte, que se entendia demasiado fragilizada no seu suporte, pouco poderosa e fisicamente desinteressante.

Importa considerar, na medida do possível, que um fragmento⁶ corresponde a um verdadeiro documento físico que pesou no passado e que deve ser analisado, estudado e classificado.

Mestra em História da Arte.

¹ José de Figueiredo, *Algumas palavras sobre a Evolução da Arte em Portugal*. Lisboa, Editora Livraria Ferreira, 1908, p. 20.

² Vergílio Correia, *A pintura afresco em Portugal, nos Séculos XV e XVI*. Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1921, pp. 24 a 30.

³ D.G.E.M.N., 1937, *Frescos*. Boletim N^o10. D.G.E.M.N. *Conservação de Frescos*. 1961, Boletim N^o106.

⁴ D. Miguel de Portugal - D. Fr. Luís da Silva, *Constituições Synodales do Bispado de Lamego*. Lisboa, 1683, Capítulo II.

⁵ M. Teresa Cabrita Fernandes - *A Pintura Mural em Portugal nos Finais da Idade Média e princípios do Renascimento*. Lisboa, Tese Mestrado em História da Arte apresentada á F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, 2 Vols., Policopiados, 1984.

⁶ Vítor Serrão - *A Cripto - História de Arte, Análise de obras de Arte inexistentes*. Lisboa, Livros Horizonte, 2001, pp. 12-13.

Estas descobertas irão convergir no seu conjunto para uma estreita relação com a pintura de cavalete, ampliando o estudo de pintura antiga em Portugal.

Novos testemunhos têm vindo a descoberto e, com efeito, toma-se consciência da importância que a pintura mural teve entre nós, nos seus mais diversos cambiantes estéticos, influências e estilos consoante as épocas.

Notícias recentes, realizadas por Saúl Gomes numa rigorosa investigação, revelam interessantes documentos⁷ sobre a presença de frescos já no século XIII.

A partir de meados da década de oitenta do século XX o aparecimento de frescos ou vestígios tem sido uma constante sempre que se movimenta um altar ou retábulo para restauro.

Interessados nesta matéria, outros historiadores⁸ abraçaram com entusiasmo este infindável campo de dados, contribuindo todo o trabalho recorrente para um conhecimento e enriquecimento patrimonial.

Os dois exemplos temáticos que se apresentam da "Anunciação" da Igreja de Santa Maria Maior de Valhelhas e da Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Meijinhos, apesar das diferenças estéticas e plásticas significativas, unem-se iconograficamente pelas forças das afinidades espirituais onde sempre houve um sentido religioso, bíblico e litúrgico na orientação e concepção da obra de arte.

1 - IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR DE VALHELHAS, concelho da Guarda, distrito da Guarda.

Igreja de uma só nave com um interessante altar Barroco assente sobre a parede fundeira da capela-mor. A monografia da vila evidencia a sua antiguidade: "É um templo regular muito antigo, com altar-mor e dois laterais, em graciosa talha dourada, estilo do Século XVI. No retábulo do altar-mor, estão as armas dos Castros, de seis arruelas e o mesmo brasão está no ângulo do poente do campanário, o que prova que a estes fidalgos pertenceu o senhorio de Valhelhas e a alcaidaria do seu castelo. Tem, do lado sul, uma ampla sacristia que comunica com o adro."⁹

Também Pinho Leal, descreve: "... Na rectaguarda da capella-môr, se ergue um antiquíssimo campanário, para o qual se sobe, pelo lado do rio, por toscos degraus de pedra: tudo esburacado, em ruínas, e coberto de musgo. As pedras oscilam, quando dobram os sinos, mas são tão grossas, e bem travadas, que ainda não cahiram. Tem dous sinos, um com a data de 1778 - outro com a de 1797 - um relógio - e na verga da pequena casa onde está a fábrica d'elle, a data de 1789.. "¹⁰ Toda a investigação realizada não foi satisfatoriamente concludente pela inexistência de suportes documentais trabalhados até ao momento.

⁷ Saúl A. Gomes - *Vésperas Batalhinas, (Estudos de História e Arte)*. Leiria, 1997, p. 113.

⁸ Catarina Valença Gonçalves - *A Pintura Mural em Portugal: Os Casos da Igreja de S. Tiago de Belmonte e da Capela do Espírito Santo de Maçaínhas*. Tese de Mestrado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. I Volume, pp. 80 e 81.

A Pintura Mural no Concelho de Alvito - Séculos XVI a XVIII Beja, Câmara Municipal de Alvito, 1999, p. 50.

⁹ Alípio da Rocha - *Monografia de Valhelhas*. Coimbra, Edição do Autor, 1962, pp. 171 - 172.

¹⁰ Pinho Leal - *Portugal Antigo e Moderno*. Volume XII, Lisboa, Edições Cota D'armas (fac-símile da edição de livraria Editora de Mattos Sequeira, 1873-1890), p.158.

ANUNCIACÃO - Valhelhas (Fig. 1 a Fig. 5)

cm. 220 Alt X 160cm

A pintura situa-se na parede fundeira do lado esquerdo da capela-mor, tapada por altar de talha dourada.



1 - Painel "Anunciação" Igreja Santa Maria Maior - Valhelhas



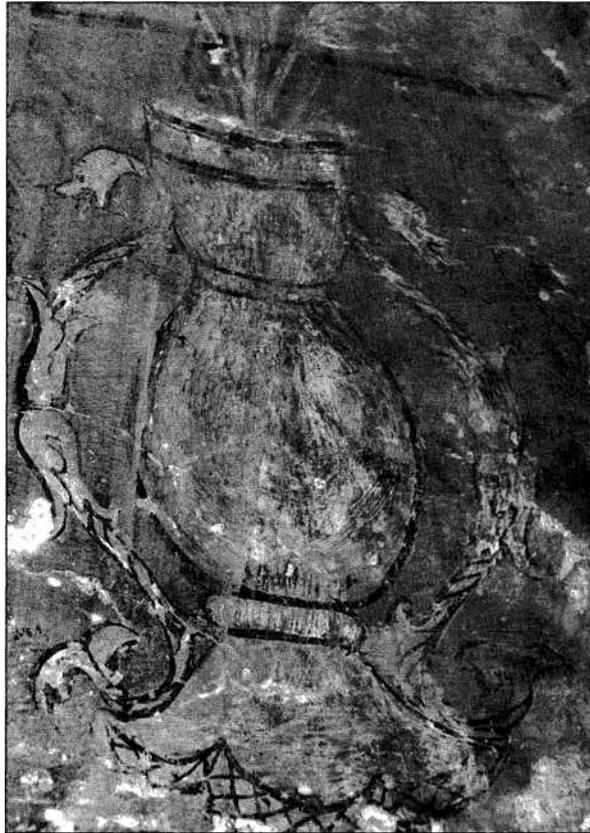
2 - Pormenor da Virgem - Valhelhas



3 - Anjo (Anunciação) - Valhelhas



4 — Pormenor do anjo - Valhelhas



5 - Pormenor da Jarra - Valhelhas

As figuras do Anjo São Gabriel e da Virgem estão envolvidas por um fundo de estrutura arquitectónica de cor clara, com marcação geométrica de pequenos rectângulos e colunas, adivinhando um tema de ligação com o exterior. Devido ao seu estado de conservação a leitura da obra tem de ser realizada analiticamente, motivada pela redução da mancha cromática. Na zona superior observa-se a representação de um pano vermelho (cortinado) transmitindo intimidade e simbologia. Destaca-se a delicadeza dos gestos em ambas as figuras, nomeadamente a intensidade psicológica reflectida pela ligeira rotação da figura da virgem. São evidentes alguns pormenores de acentuada monumentalidade, uma figura doce atenta aos efeitos do acontecimento. O tratamento estético de alguns elementos como o colar colocado no pescoço da virgem, a pomba na zona superior da cena, uma luz ténue vinda do exterior, fazem parte de uma narrativa de sensibilidade do pintor e conhecimento técnico para a sua representação. O Anjo São Gabriel apresenta-se ligeiramente flectido saudando a Virgem. As composições das duas figuras aparecem ao mesmo nível, com as mãos desenhadas numa firmeza linear sem hesitações. A capa do Anjo desenvolve um movimento harmonioso com o manto da Virgem expressando dinâmico voo de roupagens. Merece especial atenção o modelo da manga do Anjo sugerindo aproximações ao Anjo do Sardoal (Igreja) ou o gosto por modelos italianos, sendo no entanto hipóteses de aproximações estilísticas¹¹ - na mão direita segura o ceptro, na outra simula o gesto em atributo¹².

¹¹ Luís Urbano Afonso - *As Pinturas Murais da Igreja do Convento de São Francisco de Leiria*. Tese Mestrado em História da Arte Medieval F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa. Volume I, 1999, p. 85.

¹² Louis Réau - *Iconographie de l'Art Chrétien*. Presses Universitaires de France, II Nouveau Testament, 1957, pp. 182-183.

Junto à Virgem uma jarra de modelo simétrico com açucenas revela deficiências de perspectiva lembrando, na resolução decorativa da base da jarra, influências inspiradas nos tecidos ou iluminuras. Toda a estrutura compositiva aponta para o domínio da linha, como perfeito recurso expressivo muito próximo do Gótico Internacional.

Possivelmente a sobreposição de matérias fragilizou o cromatismo das figuras desagregando pigmentos, sendo revelador a ausência dos modelados denunciado pela riqueza do desenho construtivo.

Na mesma zona parietal inferior à cena da Anunciação temos mais dois temas relacionados com o nascimento de Cristo¹³.

2 - IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE DE MEIJINHOS, concelho de Lamego, distrito de Viseu.

Templo de planta simples de uma só nave bastante alongada, com a capela-mor da sua primitiva construção. São visíveis as alterações arquitectónicas realizadas através dos tempos.

Nas paredes fundeira e laterais da capela-mor, escondidas pelo altar Barroco (talha policromada) estavam as pinturas.

Na parede lateral esquerda "Anunciação" cm. 200 Alt X ? (Fig. 6 a Fig. 8).



6 - Anunciação - Meijinhos

¹³ Nascimento? de São João Baptista, (Zacarias com Veste Sacerdotal) e o tema da Visitação / Encontro As pinturas fazem parte integrante do espaço de arrumos onde estas convivem com peças e estandartes processionais interferindo obrigatoriamente na textura e conservação da referida pintura.



7 - Pormenor da Virgem - Meijinhos



8 - Pormenor Central - Meijinhos

De todo o conjunto pictural, a cena da Anunciação, apesar de cortada pelo encaixe do altar, documenta bem a qualidade estética do programa iconográfico.

Composição equilibrada evidenciando conhecimentos de perspectiva e proporcionalidade na convergência de semelhanças nórdicas do renascimento, a pintura é subdividida verticalmente pela ordenação de elementos com domínio à arquitectura revelando uma linguagem matérica de pedra em pinceladas lineares. As figuras da Virgem e Anjo são determinantes para a acentuação do tema, tendo um fundo arquitectónico de colunas e fresta ao estilo românico a fim de criar profundidade e jogo na passagem para o interior marcado pela presença da pomba.

Na zona superior direita temos um dossel onde se pode encontrar relações afins com a pintura de Gaspar Vaz¹⁴, ou de escolas artísticas comuns. Marca uma narrativa/simbólica sugerindo a ideia de espaço e recolhimento. A banquetta (de estilo) onde a Virgem pousa a mão esquerda sobre o livro, denuncia semelhanças com pinturas Flamengas¹⁵. A mão direita pousa sobre o peito em completa aceitação.

Apresenta uma Virgem em posicionamento calmo, numa situação frontal no genuflexório. Lamentavelmente, o rosto da referida figura apresenta uma larga lacuna, sendo visível seus cabelos louros compridos e ondulados caindo sobre as costas. Fragmentado, o Anjo São Gabriel dá-nos o modelado da perna e o pé nu. Sugestiva a sucessão de cadência no percurso direccionado da Filatéria, subindo em espiral pelo ceptro onde o anjo apresenta à Virgem a mensagem inscrita: "*Ave Gracia Plena Dominus ...*".

Todo o ambiente é dominado por tons ocres, sépias e suaves azuis, singular linguagem técnica na minúcia de pormenores do meio envolvente - possivelmente, Pintor especializado na Pintura de Cavalete e de Fresco¹⁶.

Um elemento simbólico significativo separa as duas figuras - um vaso com três ramos de açucenas acentua Maria na sua pureza¹⁷.

Completa a Pintura uma barra ornamental vegetalista na correspondência com as outras pinturas existentes¹⁸.

Constata-se que muitas pinturas foram inspiradas em composições e estilos através de gravuras de origem italo-flamenga¹⁹ de forte divulgação durante o século XV.

Estes dois significativos testemunhos pictóricos são uma prova evidente da elevada qualidade técnica, imaginativa e estilística da pintura mural em Portugal durante os sécs. XV/XVI.

¹⁴ Reynaldo dos Santos. *Os Primitivos Portugueses*. Lisboa, 1940, Est. XCIV.

¹⁵ Fernando António Baptista Pereira. *A Arte Flamenga. Museu de Arte Sacra do Funchal*. Lisboa, Edicarte, 1997, p. 71.

¹⁶ Vitor Serrão - *André de Padilha e a Pintura Quinhentista entre o Minho e a Galiza*. Lisboa, Editorial Estampa, 1998, p.113.

¹⁷ Carlos Alberto Ferreira de Almeida- *A Anunciação na Arte Medieval em Portugal* Porto, Estudo Iconográfico, Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras, 1983, p. 18.

¹⁸ Teresa Cabrita - "As Pinturas Murais de Meijinhos". In *Oceanos*, N.º 18-Junho 1994, pp. 121-124.

¹⁹ Vitor Serrão - *O Renascimento e o Maneirismo. História da Arte em Portugal (1500-1620)*, ed. Presença. Lisboa. 2002, p. 87.